

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação.

Andréa Barbosa Osório Sarandy, UFF.

Resumo:

A reflexão priorizará um grupo de protetores de gatos de rua, entre os quais os animais parecem ser humanizados e dotados de certas características que consideramos humanas, inclusive na forma de relações de parentesco. Ao invés de um objeto, o animal de estimação é descrito, frequentemente, como um bebê. Não se o percebe como independente de sua *mãe* ou *pai* humanos. Ser mãe ou pai de alguém é, certamente, diferente de ser mãe ou pai de alguma coisa. Cães e gatos têm sido tratados, muitas vezes, como membros das famílias, sobretudo em meio urbano ocidental moderno, mas a literatura da área tem apontado que seu status nas famílias é distinto do das crianças e a presença destas parece estar relacionada à daqueles tanto quanto o emprego de termos de parentesco para se referir às relações com o animal. O uso da terminologia de parentesco é uma analogia. Embora os animais de estimação sejam vistos como uma parentela fictícia, não somos pais e mães de gatos ou cachorros, mas de nossos animais de estimação individuais. O afeto e a infantilização destes permitem vê-los como bebês ou filhos. Há, nessa infantilização, uma hierarquia também.

Palavras-chave: Animais de estimação; família; afeto.

Introdução

Em abril de 2012, um aluno enviou-me por *e-mail* um artigo publicado no *Jornal de Santa Catarina* no qual a autora, Martha Medeiros (2012), respondia às críticas recebidas em artigo anterior pelo uso da expressão “gato morto”. Aparentemente, os amigos dos gatos se sentiram ofendidos. A autora, por sua vez, também. Em resposta, ela narra sua dificuldade propriedade e o parentesco, faz uma digressão dos prós e contras de ser dona ou de ser mãe de gato e termina sem tomar uma posição fixa, ao mesmo tempo afirmando-se “mãe do Nero”. Ser mãe de alguém é, certamente, diferente de ser mãe de alguma coisa. Essa história é apenas o mote para uma reflexão sobre um tipo de relação que tem chamado a atenção dos pesquisadores nas últimas décadas (Albert & Bulcroft, 1987; Belk, 1996; Oliveira, 2006; Charles & Davies, 2008; Kulick, 2009; Duarte, 2011).

Tal reflexão priorizará pesquisa realizada entre um grupo de interessados em proteção de gatos de rua, a qual indicou que os animais parecem ser humanizados e dotados de características humanas, sobretudo na forma de relações de parentesco. Ao invés de um

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

objeto, o animal de estimação é descrito, frequentemente, como um *bebê*¹. Não se percebe o animal como independente de sua *mãe* ou *pai* humanos. O presente trabalho focaliza a visão do grupo analisado, que pode ser compartilhada ou não com donos/*pais* de animais de estimação em geral.

Cães e gatos têm sido tratados, muitas vezes, como membros das famílias, sobretudo em meio urbano ocidental moderno. Chamamo-los, no Brasil, de animais de estimação. Sua carne não é comida e a relação que mantém com humanos pode ser de afeto, de companhia, mas também de trabalho, como no caso de cães de guarda. O que chamo de animal de estimação aqui, como Ritvo (1987), é aquele que não precisa trabalhar, mas vive apenas para ser sujeito de afeto humano. Para Thomas (1988), o nome, a habitação junto aos humanos e a não comestibilidade são os traços marcantes do animal de estimação.

Um grupo de proteção a gatos de rua

A pesquisa que suscitou uma reflexão sobre o tema do parentesco (com o) animal teve início em 2009 e deu-se em ambiente de Internet. Acompanhei a troca de *posts*² de membros de uma *comunidade* do Orkut que congregava interessados no *resgate*³ de gatos de uma praça arborizada de um bairro de classe média da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro onde, segundo os *membros* da *comunidade*, são constantemente *abandonados* gatos. A partir de 2012, porém, a *comunidade* se esvazia no Orkut e se reúne, simultaneamente, no Facebook, rede social análoga. Contudo, o material coletado aqui proveio da primeira fonte, que não é fundamentalmente diferente da segunda em termos de valores, narrativas e imaginário do grupo em questão.

A *comunidade* foi criada em 7 de agosto de 2009 com a intenção de congregar pessoas interessadas em efetuar o manejo dos animais, e contava, em maio de 2012, com cerca de 560 membros. Por manejo entendo o conjunto das atividades exercidas por alguns

¹ Os termos em itálico, salvo quando usados para palavras em língua estrangeira ou títulos de obras, indicam terminologia nativa.

² *Post* é mensagem escrita em *tópico* na *comunidade*.

³ *Resgate* é a captura e retirada do animal da rua. Essa captura envolve uma técnica específica, pois os animais nem sempre se deixam pegar por humanos. Os que fazem resgate de gatos são chamados *resgateiros*, em um trocadilho com a palavra inventada *gateiro*. Os que cuidam dos animais são chamados *protetores*. Segundo os pesquisados, o *gateiro(a)* possui e ama gatos. Não se observou uma hierarquia entre as categorias, mas algumas vezes tive a sensação de que, no universo daqueles que *protegem* e *resgatam*, essas atividades são mais valorizadas e de maior prestígio que a simples adoção ou posse do animal, o que envolve questões morais de intervenção na realidade que não poderão ser exploradas no momento.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

dos *membros* da *comunidade*, sobretudo a sua fundadora. Consistem em arrecadar dinheiro para a alimentação dos animais no parque, consultas com veterinário para os que estão doentes, exames clínicos, medicação, vacinação, *castrações*⁴ de machos e fêmeas, cuidados gerais com filhotes e encaminhamento de filhotes e adultos para *adoção*.

O esquema do manejo é complexo: o animal tem que ser capturado *in loco*, levado para *lar temporário*⁵, despugnizado, vermifugado, vacinado e *castrado* antes de encaminhado para *adoção*. Esse processo é efetuado tanto com filhotes quanto com adultos⁶. A escassez de *lares temporários* e de vaga nos mesmos impossibilita que todos os animais sejam retirados da praça ao mesmo tempo. Em novembro de 2009, a fundadora da *comunidade* indicava que havia uma *colônia*⁷ de 70 gatos quando do início dos *resgates*, que chegaram a 269 animais segundo um *post* de 17 de dezembro de 2012. Observa-se claramente, portanto, que o trabalho de retirada dos gatos não extingue seu contingente. Ao mesmo tempo em que uns são retirados, outros são *abandonados* e os gatos não retirados do local continuam se reproduzindo.

Uma das razões por trás do trabalho de manejo é a ideia de que não sobrevivem sem intervenção humana. Combate-se a noção de que animais de rua existam. Toma-se, na maior parte das vezes, a posição de que todos os animais do parque são *abandonados*, muitas vezes indicando-se diretamente que todos tiveram uma *família* um dia, referindo-se a uma unidade doméstica humana. O *abandono*, segundo o grupo, tem como efeito a multiplicação de animais sem condições de sobrevivência, dado que sem *família*, o que implica em mortes por acidente, doença, maus tratos e desnutrição. Essa situação é vista como moralmente incorreta: deve-se atuar contra ela, intervindo na realidade, educando, *resgatando*, disponibilizando para *adoção* e, sobretudo, *castrando* os animais. A *castração* é uma das

⁴ Esterilização das fêmeas pela retirada de útero e ovários e dos machos pela retirada dos testículos.

⁵ O *lar temporário* é o espaço doméstico de cuidado com um gato que foi resgatado e que será encaminhado para adoção. Está em oposição ao lar da família que o adota, por um lado, e em oposição à rua por outro. Trata-se, portanto, de espaço de transição.

⁶ O animal é doado pelo grupo apenas depois que todos os cuidados com sua saúde foram tomados. Filhotes só são doados a partir de cerca de dois meses de vida, idade do desmame. Filhotes novos não podem ser castrados. Nesse caso, o doador *ganha* a castração para o animal mais tarde, ou seja, ele não paga por ela. Um gato é considerado filhote até o primeiro ano de vida e vive, em média, 15 anos.

⁷ O coletivo de gatos que habitam áreas como praças, parques, campus, cemitérios, hospitais, *abrigos*, etc, é chamado pelo grupo pesquisado de *colônia*. O *abrigo* é um espaço reservado para a habitação dos gatos, na forma de gatil, porém sem grande convivência dos animais com os humanos. É o análogo ao asilo humano e, da mesma forma, mal visto por isolar os animais dos humanos e por impedir que haja encaminhamento dos mesmos a *lares adotivos*.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

principais preocupações do grupo, na medida em que percebem empiricamente um *abandono* de filhotes que, fossem os gatos “da casa”⁸ *castrados*, não existiria.

Um dado que chama a atenção é a quantidade majoritária de mulheres. Num levantamento quantitativo de 523 *membros* da *comunidade*, 75 declaravam-se homens (14%) e 448 (85%) mulheres. Não foi possível desenvolver um perfil de todos os *membros*, visto que essas informações são disponibilizadas pelo usuário do Orkut de forma não compulsória. Assim, apenas 9% dos *membros* da *comunidade* disponibilizaram sua idade, o que não contribui para a construção de faixas etárias representativas do total de *membros*. O baixo percentual de informações pessoais também foi observado quanto a categorias como relacionamento (21% responderam), filhos (45%), etnia (36%), religião (39%), orientação sexual (19%) e pessoas com quem reside (33%). O percentual se refere ao total dos 523 perfis consultados e as categorias são campos de resposta simples ou múltipla existentes na própria plataforma Orkut.

Ainda que os percentuais sejam baixos, creio que é interessante perceber, de forma sintética, que: apenas 50 (45%) entre 111 membros declaram-se casados; 126 (53%) em 235 declaram não ter filhos; 113 (59%) em 189 declaram-se brancos; 100 (48%) em 207 se declaram cristãos, subsumidas aí todas as categorias identificadas (católicos, anglicanos, protestantes, Santos dos Últimos Dias, outros); 84 (95%) em 88 se declaram heterossexuais. As demais categorias apresentaram respostas difusas não permitindo uma junção representativa. Embora os números aqui apresentados não sejam amostrais nem tampouco permitam inferir que esta seja a realidade preponderante em termos de um perfil dos *membros* da *comunidade*, fornece um retrato daqueles que disponibilizaram tais informações.

O que precisa ser ressaltado é a maioria feminina na *comunidade*. Outros estudos sobre *protetores* de animais (Zasloff & Hart, 1998; Herzog, 2007; Neumann, 2010) têm indicado que essa é uma atividade feminina. A consequência dessa maioria é que todas as citações de *posts* da *comunidade* utilizadas aqui são de mulheres. Falar em uma “mãe de gato” não exclui a existência de um “pai de gato” e, nesse sentido, a terminologia de parentesco é utilizada para ambos os sexos. Porém, com uma maioria feminina, o discurso das mulheres é majoritário e os homens da *comunidade* pouco se manifestam, com exceção de um único deles. Assim, não se deve concluir que as mulheres utilizem mais a terminologia

⁸ Em oposição aos animais de rua. Indico, contudo, que para o grupo essa oposição não existe e faço uso dela apenas de forma analítica.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

do parentesco para definirem sua relação com seus animais de estimação, mas sim que seu discurso é mais visível na *comunidade* e, por isso, foi priorizado nesta reflexão.

Oliveira (2006) indica que observou, numa clínica veterinária carioca, que a alguns cães era dado o sobrenome da família de seu dono, em contraposição aos cães-objeto de criadores cujo sobrenome é o nome do canil. No Orkut, a autora observou que os cães eram descritos como parentes: filhos e irmãos. Muitos dormiam na cama com seus donos, casados ou solteiros. Na *pet shop* em que efetuou observação de campo, falava-se com eles da mesma forma que se costuma falar com os bebês humanos. Segundo ela, o cão é comparado a uma criança humana de até dois anos e se afirma reconhecer no cão emoções e sentimentos, como o “amor verdadeiro”. Não obstante, indica também que a explicitação de afeto do dono pelo cão era mais comum entre as mulheres do que entre os homens e debita tal assimetria às relações de gênero brasileiras que demandam dos homens uma contenção maior na expressão das emoções. Desta forma, o cuidado com os cães seria uma tarefa mais comumente desempenhada pelas mulheres do que pelos homens, na medida em que o cão é uma criança e o cuidado das crianças ainda é visto como tarefa feminina.

Mãe de gato

Ao iniciar esta reflexão, havia chamado a atenção para as relações de parentesco estabelecidas entre humanos e gatos. As donas de gatos são *mães* (na *comunidade* pesquisada são *mami/mamis*), eles são seus *bebês* (ou *filho/filhogato*). A ambivalência entre sujeito e objeto, mãe e dona, apresentada por Medeiros (2012), se reproduz aqui também, pois os gatos não se tornam humanos, embora se tornem sujeitos e filhos.

Conforme Strathern (2006), o pensamento ocidental tende a raciocinar em termos de propriedade e não, por exemplo, em termos de trocas, como na Melanésia, foco de análise da autora. Assim também o fazem os sujeitos desta pesquisa: embora não se pretenda dizer “dono de gato”, diz-se “meu gato” como se diz “meu bebê”, referindo-se ao gato. É a mesma forma de propriedade que se usa quando se fala em relações de parentesco: minha mãe, meu pai, meus filhos, etc. Ao substituir a ideia de *dono* pela de *mãe/pai*, o grupo não necessariamente exclui as relações de propriedade, pois nossas relações de parentesco são baseadas também em ideias de propriedade características do mundo ocidental.

Seguem alguns excertos da *comunidade*:

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

- “Mais uma ganhou um novo lar. Levei agora p/ sua nova dona” [11 de agosto de 2009, G. S.]
- “Esse papi e essa mami vão ter que repartir o Floquinho com a gente, rrsrrs [risos]”. [11 de agosto de 2009, F. E.]
- “Ele foi muito arisco, mas a fome foi maior e ele confiou na mãezinha aqui. É o meu ‘gordão’. Meio angorá e laranjinha. Tudo que a mamãe aqui queria!!!”. [12 de agosto de 2009, F. E.]
- “Nossa mascotinha foi adotada. Segunda a levarei p/ a nova família e tirei fotos”. [22 de agosto de 2009, G. S.]
- “Toda feliz levando sua filhogata na saída da clínica”. [22 de agosto de 2009, G. S.]
- “Parabéns pelas atitudes de vocês, e que apareçam outras mamis aqui dispostas a levar esses amores pra casa”. [25 de agosto de 2009, J.]
- “Que emoção ver a foto da minha filhota assim no quentinho...Nossa...como amo minha filhota.....não sei mais viver sem ela!”. [06 de setembro de 2009, I.]
- “Vai ser filho único cheio de mimos”. [12 de setembro de 2009, G. S.]
- “Parabéns a todos os adotantes pela atitude e para os bebês, mta [muita] sorte nesta nova vida”. [22 de novembro de 2009, P.]⁹

Os gatos *resgatados* são encaminhados para a *adoção* por uma *família*. Aquele que cuida do animal é sua *mãe/pai*. Aquele que cuida do animal de rua, mas não o *adotou*, é *protetor/a*. Às vezes utiliza-se mãe, mamãe e filho entre aspas. Parece-me que o uso das aspas como um estado de exceção, bem como o uso de corruptelas como *mami*, *mamis*, *mamy* ou *papi* e a junção *filhogato* são formas ortográficas de criar uma classificação diferenciada entre humanos e animais. Os gatos são *adotados* por humanos, tornam-se como se filhos, mas, como nem humanos se tornam gatos nem gatos se tornam humanos, as categorias criadas diferem ligeiramente na escrita quando são utilizadas para relações humano-animal e quando são utilizadas para relações entre humanos. Assim, o grupo diferencia animais de estimação de humanos, embora indique que ambas as relações são análogas, ou seja, metafóricas.

A transposição do universo doméstico que os gatos habitam é feita à imagem e semelhança das relações humanas. A unidade doméstica é o espaço da família e das relações

⁹ Foram utilizadas citações de um mesmo *tópico*: “adoções concretizadas dos resgatados”. Foi compilado, em 2011, um total de 226 *tópicos*, contabilizando 3.699 páginas em *Word for Windows* de material escrito e inúmeras fotografias. As passagens e a linguagem utilizadas, contudo, se repetem de um *tópico* a outro e o conjunto dos *tópicos* da *comunidade* forma uma narrativa mais ou menos homogênea. Por exemplo, há mais de um *tópico* sobre o mesmo assunto. No presente trabalho, selecionou-se o *tópico* no qual a principal *protetora* atuante no parque em questão, G. S., divulga os animais já *adotados*. Outros *membros* da *comunidade* comentam estas *adoções*, entre outros assuntos. Há mais citações de G. S. porque é ela quem mais *postou* neste *tópico*, já que é quem efetivamente *resgata* os animais do parque e os disponibiliza para *adoção*. O *tópico* escolhido é bastante representativo dos debates da *comunidade*, embora não o único, e é o mais longo (190 páginas em *Word*).

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

de parentesco, pensadas como relações de afeto. Humaniza-se o animal que habita a casa e se o inclui na família: ele é uma criança, um *filho*, um *bebê*, demanda cuidados, precisa de *mãe*, precisa de *família*, não pode andar na rua, deve permanecer seguro dentro de casa. O cuidado e a proteção parecem, neste universo, caminhar juntos. Proteger um animal de rua é retirá-lo da mesma, *resgatá-lo*, dar a ele um *lar* e uma *família*. Cuidar de um animal *adotado*, ou *adotando-o*, é protegê-lo. De fato, nem todo proprietário cuida de seu animal e, do ponto de vista do grupo, o *abandono* é a maior prova disto. Na rua, o gato sofre:

“Se cada pessoa adotasse um gatinho daquele parque acabaria aquele sofrimento”. [10 de agosto de 2009, G. S.]

“Será que quando uma pessoa joga um animal ao relento não se dá conta que ele sente, frio, fome, medo e horror ao se sentir desprotegido???” [06 de setembro de 2009, K.]

“Como é bom saber que um animal que tinha um destino tão incerto, não conhecia uma casa e nunca teve a oportunidade de viver uma vida digna hoje está feliz e adaptado num lar cheio de amor”. [16 de setembro de 2009, G. S.]

“Existem muitos gatinhos abandonados em toda parte, e nós não podemos deixar esses seres tão meigos ao relento”. [11 de outubro de 2009, J.]

“Foi uma adoção esperada, ele segue agora sua vidinha c/ uma família que o abraçou c/ muito amor. Lar responsável, não terá acesso a rua e todo seu sofrimento ficou p/ trás”. [06 de março de 2010, G. S.]

“Dona Nilce se compadeceu e a levou p/ seu apartamento que é telado. Acabou o abandono graças a Deus”. [15 de março de 2010, G. S.]

“Que seriam deles se estivessem no parque até hoje? Aliás não estariam, pq [porque] depois das enchentes, coitados dos bbs [bebês] abandonados por aí, morreram todos. Estão num lar seguro cobertos de atenção e muito longe da fome e tudo de ruim que um animal passa na rua”. [19 de abril de 2010, G. S.]

O acesso à rua é um dos principais pontos de debate na chamada *posse responsável*, protocolo de manejo requerido dos proprietários de gatos pelo grupo pesquisado¹⁰. O acesso à rua é visto como prejudicial ao animal em vários aspectos: ele pode ser roubado, atropelado, morto intencionalmente por humano, morto por cachorro, contrair doenças, perder-se, emprenhar. A rua não é o espaço dos gatos, mas sim a casa. Neste ponto, inevitável recordar um dos clássicos de Roberto DaMatta, *A Casa e a Rua* (1991). Segundo o autor, a rua no Brasil é espaço público, espaço de ninguém, onde as regras podem não ser cumpridas,

¹⁰ Para maiores considerações acerca da posse responsável, ver Osório (2011).

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

perigoso e masculino. A casa, ao contrário, é espaço feminino, protegido e resguardado, privado, regrado e ordenado. Como os humanos, sobretudo os do sexo feminino, os gatos devem permanecer em casas e apartamentos.

O imaginário do grupo aponta o animal de estimação como aquele que deve, necessariamente, habitar o ambiente doméstico. Este ambiente, por sua vez, é o da família, o do cuidado, o do amor, o da proteção. A rua é sua antítese. Nesta perspectiva, o animal é tomado como um ser extremamente frágil, que depende de humanos para sobreviver e cujo habitat é essencialmente humano, posto que uma casa humana. Não são criaturas da natureza, por assim dizer, mas da cultura, se tomarmos o universo humano como estritamente cultural. Nesse sentido, ganham uma posição dentro deste universo, não apenas como animais de estimação, o que os diferencia de outros animais, mas como membros de uma família humana, seu habitat necessário.

Relações metafóricas

Se o grupo analisado não entende a relação de parentesco como transformando o animal em um ser humano, então essa relação é metafórica. O uso da terminologia de parentesco para descrever a relação com o animal de estimação ou o próprio animal em termos de relações sociais humanas é apenas uma analogia. Charles & Davies (2008) indicam que, embora os animais de estimação sejam vistos como uma parentela fictícia, podemos nos apresentar como mães, pais ou avós destes animais.

Belk (1996) efetuou uma análise de alguns fatores implicados nessas relações metafóricas. Em primeiro lugar, elas pressupõem uma humanização dos animais. Ser um humano ou quase humano é pré-condição para ser considerado um membro da família. Contudo, tal humanização, ou antropomorfização, é encontrada em outras situações, como na literatura e no audiovisual televisivo ou cinematográfico. A tendência a ver os animais de estimação como parentes apresentar-se-ia de duas formas: pelo antropomorfismo e pela inclusão do animal nos rituais familiares (Belk, 1996). Segundo o autor, existem limites para essa inclusão e nem todos os proprietários de animais de estimação comportam-se ou pensam desta forma. Há muitas maneiras de se relacionar com animais.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Nesse processo de humanização, ter um nome, segundo Belk (1996), é fundamental¹¹. Alguns proprietários podem conversar com seus animais, afirma ele, inclusive utilizando uma forma de conversa característica de interações com bebês humanos, o que evidencia uma tendência a infantilizar os animais de estimação. Assim, tais animais podem ser explicitamente vistos como filhos ou netos, às vezes mesmo como substitutos de filhos e netos humanos. O adestramento do animal se torna então, diz o autor, um processo de adaptação de um novo membro da família, que deve adotar certas condutas da rotina doméstica e passa a ser incluído nesta. Não obstante, essa inclusão não iguala humanos e não humanos em termos de direitos e responsabilidades. Não se espera que os animais tenham a mesma conduta dos humanos. Ao contrário de crianças humanas, indica Belk (1996), cães e gatos nunca ultrapassam sua dependência para com adultos humanos e são, para sempre, bebês. Por outro lado, aponta ele, também são constantemente usados como brinquedos, vestidos como bonecas, comprados, colecionados e circulados como mercadorias, controlados e comandados como se fossem objetos inanimados. Em todas as situações de controle, afirma, fica explícito que o status do animal de estimação é, em geral, inferior ao de um membro da família, embora nem sempre.

É interessante notar, ainda, as formas como tais criaturas são desanimalizadas para serem humanizadas: a castração controla impulsos sexuais incompatíveis com a visão ocidental de infância, ao mesmo tempo em que, em tese, controla impulsos agressivos e traços de comportamento do animal; roupas e acessórios são confeccionados imitando vestimentas humanas; produtos de higiene e beleza também; as excreções são reguladas para serem depositadas fora de casa ou em ambiente criado para isso (caixas de areia, tapetes higiênicos); a ração industrializada é nutricionalmente balanceada para que fezes e urina tenham determinado odor e consistência (Segata, 2012).

Digard (1999) os apresenta como seres antropizados, antropomorfizados, adoçados, assépticos, quase abióticos e quase pelúcias, tornados assim por seus próprios donos. Para ele, contudo, a ação domesticatória (proteger, nutrir e controlar a reprodução) marca as relações entre animais de estimação e seus donos. A domesticação envolveria, ainda, o hábito de estar com humanos e a submissão do animal à sua vontade.

Albert & Bulcroft (1987) dispõem separadamente as noções de que o animal de estimação é uma companhia ou um membro da família. Em um *survey* telefônico com 320

¹¹ O nome, eu sugeriria, não é apenas um processo de humanização, mas também de individualização.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

proprietários de animais de estimação e 116 não proprietários em Providence, Rhode Island, EUA, os autores concluíram, entre outras coisas, que pessoas que residiam sozinhas estavam mais inclinadas a ver seus animais de estimação como companhias, enquanto aqueles que residiam com outras pessoas tendiam a ver tais animais como membros da família. Na amostra, os cães estariam mais propensos a serem vistos como membros da família e os gatos como companhia. Os animais foram adquiridos por prazer ou para companhia e a maioria dos entrevistados adquiriu seu(s) animal(is) quando era recém-casado (24%), quando os filhos estavam nos primeiros anos escolares (30%) ou quando já eram adolescentes (28%), ao passo que viúvos e casais sem filhos seriam menos propensos a terem animais de estimação.

Embora os autores não tenham analisado profundamente os dados, eu sugeriria que, na amostra, os animais de estimação se tornam uma complementação da família e não uma substituição de um membro da família. Nesse sentido, muitos animais já ingressariam nas famílias humanas com o status de membros dessas famílias. Não existindo família na residência, ou seja, entre os que moram sozinhos, o animal não é família porque esta não existe na unidade residencial. Na qualidade de companhia, ele é um sujeito que coabita com o residente solitário. Essa sugestão se contrapõe a análises que apontam os animais de estimação como substitutos para filhos (Strathern, 1992 *apud* Charles & Davies, 2008), mas corrobora pesquisas que apontam que animais de estimação são mais encontrados entre casais, famílias com crianças e em famílias numerosas do que entre solteiros e idosos (Serpell, 1996 *apud* Charles & Davies, 2008).

Digard (1999) também afirma que a taxa de propriedade de animais de estimação cresce quando se passa de pessoas sozinhas a casais sem filhos e destes às famílias numerosas. Não obstante, o autor indica que animais de estimação substituem crianças. Segundo ele, na França, 52% dos proprietários de cães consideram-nos como um membro da família, 20% como uma criança, 15% como um amigo e 13% somente como um animal. Entre os proprietários de gatos, as respostas às mesmas questões são 38% (família), 9% (criança), 36% (amigo) e 17% (animal). Entre os franceses, portanto, os cães estão mais propensos a serem humanizados, tornados parentes e infantilizados do que os gatos, considerados como animais ou amigos em maior proporção do que os cães, porém, considerados também membros da família. Aparentemente, o melhor amigo do homem é o gato, e seu novo parente é o cão.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Na França, afirma ainda Digard (1999), os animais de estimação são por vezes tratados maternalmente e chamados de bebês. O tratamento maternal é visto por ele como uma forma de adestramento pelo afeto, característico das mulheres, que se orienta a uma supernutrição do animal e a um cuidado que podem ser prejudiciais a este¹². Sua definição de um animal de estimação é a de um animal de companhia, inteiramente disponível ao seu dono. O estatuto familiar desse animal seria uma característica do sistema domesticatório atual.

Observe-se que a humanização, a desanimalização e a inclusão do animal como membro da família muitas vezes se confundem nas análises aqui apresentadas com o afeto. Não apenas as relações de parentesco na família nuclear estão sendo subsumidas a relações afetivas, mas a própria descrição, em português, de um animal “de estimação” chama a atenção para o afeto como elemento fundamental dessa relação. Não obstante, variadas definições do que seja um animal de estimação podem não priorizar o aspecto afetivo, como a de Thomas (1988) ou a de Digard (1999). O parentesco, por sua vez, mesmo quando metaforicamente estendido ao animal, não é sinônimo de afeto, como acredito que Leach (1983) possa demonstrar. A emergência do afeto no imaginário, discurso e prática concreta das relações com animais de estimação parece um elemento que tem ganhado força recentemente.

Comestibilidade e parentesco

Para Leach (1983), os animais de estimação são uma categoria ambígua na interseção entre o humano e o animal. Na verdade, seriam ambos ao mesmo tempo. A regra que restringe o consumo de sua carne, ou, dito de outra forma, a regra que permite tomar como animal de estimação aquele que não será comido (espécie, sobretudo, mas também indivíduo) é decorrente, segundo o autor, de uma sobreposição estrutural entre o animal de estimação e a relação de parentesco mais próxima – a de irmão/ã – guardada pelo tabu do incesto. Assim, pela analogia entre sexo e comida, o autor afirma que o animal de estimação é parte da família e, portanto, não pode ser comido.

Tomando-se o modelo de Leach (1983), os animais em posição ambígua seriam caracteristicamente animais tabus, isto é, sagrados e sobrenaturais. Para Leach (1983), o tabu

¹² Kulick (2009) relata um caso destes.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

envolve, ainda, as questões alimentares. Assim, o animal de estimação, tomado como uma extensão da humanidade, não pode ser consumido na medida em que isto seria canibalismo. Este é claramente o caso do cão no mundo Ocidental.

Leach (1983) estrutura séries de correspondências entre comestibilidade animal e relações de parentesco/afinidade. Empreendendo uma tipologia do grau de sacralidade/tabu e comestibilidade do animal, o autor aponta para três possibilidades: a) comestíveis e consumidos normalmente; b) comestíveis e consumidos em situações especiais (conscientemente tabu); ou c) comestíveis, porém não reconhecidas como comida (inconscientemente tabu). Está claro que, para o autor, a comestibilidade em questão é material (venenoso/não venenoso), mas o reconhecimento como comida é simbólico. O exemplo dado por ele é a proibição do consumo de carne suína na religião judaica: o porco é comestível, mas não é comida para os judeus. Também recaem nesta divisão os animais que, sendo tão próximos ao homem que se tornam do mesmo tipo, não podem ser ingeridos sob o perigo do canibalismo, como seria o caso do cachorro.

Da série de comestibilidade, Leach (1983) depreende uma associação entre incesto/canibalismo e sexo/alimentação. Decorrem daí as seguintes séries: a) eu, irmã, primo(a), vizinho(a), estranho(a); b) eu, casa, fazenda, campo, longínquo (remoto); c) eu, animal de estimação, gado (animais de criação), caça, animais selvagens. As três séries devem ser lidas também na vertical: por exemplo, a relação com as pessoas de dentro da casa e com quem não posso me casar (irmã) fornece o padrão de relação que mantenho com meus animais de estimação. O objetivo central do exercício é depreender uma regra que diz que o tabu se aplica a categorias anômalas, quando em relação a categorias bem delimitadas, numa conclusão similar à de Douglas (1976) e a de Hubert & Mauss (2001: 143) sobre “o caráter ambíguo das coisas sagradas”. Em outra série, Leach (1983) indica que homem: animais domesticados / não homem: animais selvagens e, na interseção destes dois conjuntos, ou seja, em posição anômala, estão animais de estimação: caça.

No caso do parentesco animal aqui analisado, especialmente a constituição de relação mãe/filho entre humano e animal de estimação, conforme o grupo de proteção pesquisado, poder-se-ia, sem ônus, trocar a categoria irmã utilizada por Leach (1983) pela categoria filho(a). Como a aliança não está em foco aqui, a troca não distorce a série e mantém as características de membro da família, membro da casa e não comestibilidade que os animais de estimação apresentam.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Considerações Finais

As narrativas nas quais o dono de um animal de estimação se coloca na posição de seu pai ou mãe refletem um fenômeno contemporâneo. Nem todos os donos de animais de estimação reportam-se a eles desta forma. A construção de laços de (um) parentesco (imaginado ou fictício) parece obedecer a alguns processos visíveis nas sociedades contemporâneas ocidentalizadas: de um lado, a inclusão destes animais em nossos lares e, seguindo-se a isto, a relação de afeto mantida com eles e sua progressiva infantilização.

O afeto não requer investimento econômico. A infantilização do animal tampouco. Na qualidade de sujeitos de afeto, animais de estimação se tornaram as crianças da casa. A indústria veterinária, nesse sentido, contribuiu para a desanimalização e o controle de seus corpos. É verdade que legislações e preocupações com maus-tratos a animais indicam que nem sempre as relações são de afeto positivo. Não obstante, a própria condenação dos maus-tratos indica uma preocupação com o bem-estar animal cujas raízes remontam a movimentos ingleses do século XIX (Ritvo, 1994).

Este afeto pode ser traduzido, para algumas pessoas, na terminologia do parentesco. O deslize semântico entre amor e parentesco opera de forma a equivaler ambos. Da mesma forma que sabemos que nem todos amam seus parentes (pais, mães, filhos, entre outros), também sabemos que na cultura brasileira esse amor é uma obrigação moral e social. Assim, os termos se equivalem e o afeto e a infantilização dos animais de estimação permitem vê-los como bebês ou filhos. Há, nessa infantilização, um pouco de distinção ontológica também, na medida em que por mais que amemos nossos animais, eles são vistos como seres irracionais.

No grupo de proteção pesquisado, a irracionalidade do animal se conjuga à percepção de sua fragilidade e, juntos, criam uma hierarquia entre humanos e animais na qual aqueles são moralmente responsáveis por estes. No caso específico analisado, responsáveis apenas por gatos *abandonados* na rua, uma percepção que não apenas elege um sujeito vítima como imputa ao próprio humano a responsabilidade pela violência que o gato sofreu e, portanto, também por sua salvação. Vítimas, eles são sujeitos, não objetos.

Por outro lado, na ordem brasileira, aquele que habita a casa é parte da família, ainda que estendida, ainda que na qualidade de agregado (DaMatta, 1991). Assim, o animal que habita nossas casas e apartamentos, às vezes nossas camas e sofás, se torna um membro da família, sujeito, com nome e gostos próprios, a quem se dedica tempo e dinheiro e por quem

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

somos responsáveis, moral e juridicamente. Mas não somos pais e mães de gatos ou cachorros, somos pais e mães de nossos animais de estimação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERT, Alexa; BULCROFT, Kris. "Pets and urban life." *Anthrozoös*, 1(1), 1987, p. 9-25.

APROBATO FILHO, Nélon. *O couro e o aço: sob a mira do moderno: a 'aventura' dos animais pelos 'jardins' da Paulicéia, final do século XIX/início do século XX*. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social, USP. 2006.

BELK, Russell W. "Metaphoric relationships with pets." *Society and Animals*, 4 (2), 1996, p. 121-145.

CHARLES, Nickie; DAVIES, Charlotte Aull. "My family and other animals: pets as kin". *Sociological Research Online*, 13 (5) 4, 2008. Disponível em: <<http://www.socresonline.org.uk/13/5/4.html>>. Acesso em: 09/03/ 2011.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1991.

DIGARD, Jean-Pierre. *Les français et leurs animaux*. Paris: Fayard, 1999.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, Luis Fernando Dias. "Animais, meu próximos." *Instituto Ciência Hoje*. 2011. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/sentidos-do-mundo/animais-meus-proximos>>. Acesso em: 30/04/2012.

HERZOG, Harold A. "Gender differences in human-animal interactions: a review." *Anthrozoös*, 20(1), 2007, p. 07-21.

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício." In Marcel Mauss, *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 141-227.

KULICK, Don. "Animais gordos e a dissolução da fronteira entre as espécies." *Mana*, 15(2), 2009, p. 481-508.

LEACH, Edmund. "Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal." In Roberto DaMatta (org.), *Edmund Leach*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983, p. 170-198.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

MEDEIROS, Martha. “Mãe de gato.” *Jornal de Santa Catarina*. 2012. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/jsc/sc/impressa/4,1147,3710791,19301>>. Acesso em: 30/04/2012.

NEUMANN, Sandra L. “Animal welfare volunteers: who are they and why do they do what they do?”. *Anthrozoös*, 23(4), 2010, p. 351-64.

OLIVEIRA, Samantha Brasil Calmon de. *Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFRJ, 2006.

OSÓRIO, Andréa. “Posse responsável: moral, ciência e educação ambiental em um grupo de protetores de gatos de rua.” *R@U - Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, 3 (2), 2011.

RITVO, Harriet “The emergence of modern pet-keeping.” *Anthrozoös*, 1 (3), 1987, p. 158-165.

RITVO, Harriet. “Animals in nineteenth-century Britain: complicated attitudes and competing categories.” In Aubrey Manning & James Serpell. *Animals and human society: changing perspectives*. London: Routledge, 1994, p. 106-126.

SEGATA, Jean. “Parecidos, o suficiente: nós e os outros humanos, os animais de estimação.” *R@U - Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, 4 (1), 2012.

SERPELL, James. *In the company of animals: a study of human-animal relationships*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

STRATHERN, Marilin. *After nature: english kinship in the late twentieth century*. Cambridge : Cambridge University Press, 1992.

STRATHERN, Marilin. *O gênero da dádiva*. Campinas: Unicamp, 2006.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

ZASLOFF, R. Lee; HART, Lynette. “Attitudes and care practices of cat caretakers in Hawaii.” *Anthrozoös*, 11(4), 1998, p. 242-248.